

Os viajantes ingleses e a escrita de uma história no Brasil Oitocentista

LÍLIAN MARTINS DE LIMA*

A produção escrita elaborada por estrangeiros sobre o Brasil foi notória desde os tempos coloniais. Interessada na obtenção de informações e curiosidades acerca dos mais diversos aspectos, a percepção européia exerceu um papel relevante na compreensão do Brasil, suas gentes e seu território. No caso da escrita da história, coube aos ingleses os primeiros relatos, em meados do século XIX, que procuraram ordenar uma série de eventos, até então desconexos em uma narrativa coesa. É com esse objetivo que autores, como o físico Andrew Grant, o poeta Robert Southey e o diplomata James Henderson redigem, no decorrer dos anos joaninos, uma “*história do Brasil*”. Nosso objetivo na presente comunicação de pesquisa é apresentar algumas nuances desse processo de escrita da história do Brasil, com destaque para as narrativas de viagem que, como veremos, exerceram um papel crucial nesse cenário.

Expressiva parte do conhecimento produzido sobre o Brasil e divulgado no meio letrado europeu deveu-se aos relatos de viajantes que, desde o século XVI, preenchiam as imaginações de sábios e curiosos, como fora o caso de Andrew Grant. Autor da primeira história do Brasil publicada em língua inglesa em 1809, Grant destacava a leitura de viajantes como o francês Jean de Léry, o holandês Hans Staden, além da consulta à obra de Thomas Lindley. Anos mais tarde, com a publicação do primeiro volume da *History of Brazil* de Robert Southey, a lista é ainda mais extensa: além da utilização dos relatos dos séculos XVI, XVII e XVIII, o poeta laureado contava com o auxílio de John Luccock, Henry e Theodore Koster, e John May, que, em diferentes momentos, possibilitaram o acesso a obras e informações recentes sobre a história e o cotidiano no Brasil de D. João VI. Cabe salientar que, durante os anos joaninos, somente o diplomata James Henderson visitou o país, em 1821. Cidades como Rio de Janeiro e Recife renderam não apenas comentários como uma série de gravuras que foram reproduzidas quando da publicação da obra em Londres. Para a escrita de uma narrativa sobre o Brasil, não bastava o acesso aos arquivos europeus. As observações divulgadas pelos relatos de viajantes se constituíram em uma das principais fontes de informações entre os letrados europeus ao apresentar pareceres sobre os costumes, as

tradições religiosas, a natureza e clima dos trópicos. No caso inglês, a utilização dessas narrativas de viagem já é, muitas vezes, explicitada nos prefácios das obras.

*Doutoranda em História, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bolsista FAPESP.

Além de fornecerem informações detalhadas sobre localidades que, em muitos casos, eram pouco conhecidas do leitor inglês, as narrativas de viagem conferiam autoridade e legitimidade para àqueles que se empenhavam em narrar determinados episódios. No entanto, sua utilização não pode ser classificada como indiscriminada, ao contrário, a preocupação em averiguar as edições disponíveis e possíveis erros e conflitos na tradução esteve presente nessa escrita da história brasileira, como confidenciou, certa vez, Robert Southey. Ao comparar uma versão em latim e a edição francesa de Jean de Léry, o inglês salientou algumas omissões na versão latina, facilmente explicáveis devido às severas críticas conferidas aos costumes e ritos católicos.

I made an important discovery relative to De Lery, one of my best printed authorities this morning. This author, who taught a Frenchman was a very faithful writer translated his own French into latin and I used latin edition in De Boy collection, you remember the book with those hideous prints of the savages at their cannibal feasts [...]and I, in transcribing with my usual scrupulous accuracy constantly referred to this original because I knew that when an author translates his own book, he often alters it and therefore it was probable that I might sometimes find a difference worthy of notice [...]Upon examination it appeared that a whole chapter and that chapter the most important as to the historical part of the volume had been omitted by De Boy because he was a catholic, De Lery a Huguenot and this chapter exposed the villainy of Villegagnon who went to Brazil expressly to establish an asylum for the Huguenots.(SOUTHEY apud WARTER, 1856:250).

As narrativas de viagem eram compreendidas, portanto, como testemunhos e a incorporação de trechos de viajantes nas obras mais modernas não era vista como um plágio, ao contrário, a compilação de trechos era tida como um indício de erudição nesse período. A compreensão do Brasil e sua história se pautava na produção escrita de viajantes que, em diferentes circunstâncias, legaram comentários que, no decorrer dos anos, foram reproduzidos entre os letrados europeus. Acompanhemos a seguir, as principais imagens legadas por viajantes ingleses que exerceram um papel crucial nas “histórias do Brasil” produzidas durante os anos joaninos.

A curiosidade e o interesse inglês pelo Novo Mundo não se deteve apenas nos territórios por ele colonizados, pelo contrário, inúmeras viagens e excursões atestam a presença inglesa em terras brasileiras desde a segunda metade do século XVI. Embora

grande parte dessas narrativas sejam os resultados de observações colhidas durante um curto período de estadia, seus autores procuram fornecer uma visão mais ampla sobre as possessões portuguesas na América. Para isso, além de se pautarem nas descrições de outros viajantes – sobretudo franceses e holandeses- esses autores informam desde as coordenadas geográficas, direções do vento, até a descrição e gravura de animais, como peixes e pássaros, sem contar as páginas em que descrevem detalhadamente as cidades e sua arquitetura bem como as condições dos portos. Movidos pela curiosidade e pelo desejo de estabelecer relações de comércio, viajantes, missionários, corsários e aventureiros ingleses vão lentamente construindo sua visão acerca da então possessão portuguesa na América.

A produção textual inglesa sobre o Brasil, de acordo com as anotações de Richard Hakluyt, tem seus primeiros registros na década de 30 do século XVI, com a publicação, em 1526, da obra *A brief summe of geographie*, que relata brevemente a passagem de Sebastião Caboto pela costa brasileira. Anos mais tarde, William Hawkins realiza uma viagem ao país, ao longo da qual estabelece boas relações comerciais com os selvagens, a ponto de, na sua segunda viagem, em 1532, transportar um indígena e apresentá-lo à corte de Henrique VIII. Nas suas observações, Hawkins não deixa de chamar a atenção do leitor para as excelentes condições climáticas e para a grande necessidade que lá havia de produtos como tecidos e vinhos. Semelhante comentário é compartilhado, já no final do século XVII, por outro inglês, William Dampier, que em 1699 redige a narrativa *A new Voyage to New Holland*. Nela, Dampier destaca, ao lado das condições climáticas favoráveis, a existência de bons portos na Bahia, fator que possibilitaria o exercício de um comércio cada vez mais dinâmico.

A Baía de Todos os Santos, situada a 13 graus de latitude sul, é a mais importante cidade do Brasil, quer pela beleza das suas construções, pelo seu tamanho, pelo seu comércio, ou, ainda, pela sua receita. A cidade conta com as vantagens de um porto capaz de receber navios de grande tonelagem [...]. As ruas principais da cidade são largas, e, na sua maioria, pavimentadas ou cobertas com umas pedras pequenas. Há, também, praças nos locais mais nobres e muitos jardins na cidade e nos seus arredores, onde se cultivam árvores frutíferas, verduras, legumes, e grande variedade de flores, mas tudo sem grande cuidado ou nenhuma arte.(DAMPIER apud FRANÇA, 2009: 319)

Até mesmo mais famoso editor de viagens do reino inglês, Richard Hakluyt não deixou de notar o interesse que os territórios sob tutela portuguesa exerciam, chegando

mesmo a aconselhar à rainha Elisabeth a construção de bases navais na cidade de Santos e de São Vicente.

O tom de entusiasmo que marca essa produção escrita não se limita à descrição física do território; se estende também às observações feitas acerca das relações entre as diversas tribos indígenas e agentes de origem inglesa, sejam viajantes ou comerciantes. Apresentadas como harmoniosas e honestas, as relações estabelecidas com os povos nativos sugeriam uma vantagem que nem mesmo os portugueses foram capazes de alcançar. Essa questão se mostra crucial para a compreensão da visão que, no decorrer dos séculos, os ingleses legam sobre e para o Brasil. Logo nos primeiros relatos elaborados no século XVI, autores como William Hawkins e Anthony Knivet contrastam as boas relações entre ingleses e nativos com os conflitos vivenciados pelos povos ibéricos, seja nas possessões espanholas, seja nas portuguesas. Acrescentam, ainda, a luxúria e a preguiça como características não dos povos indígenas, mas sim dos portugueses. Numa carta endereçada a Richard Slaper em 1578, John Withal alerta sobre as grandes possibilidades de riqueza no Brasil, um fato que era negligenciado pela preguiça dos portugueses. Segundo Withal, apenas a presença de povos industriais – tal como os ingleses – seriam capazes de proporcionar um aproveitamento dos recursos naturais e, conseqüentemente, um enriquecimento para aqueles que haviam investido nessas terras.

No que diz respeito à desaprovação do caráter português, as narrativas inglesas – desde o século XVI até o século XIX – serão unânimes em suas observações e pareceres que identificam no português o grande mal que se instalou nas novas terras. Um relato interessante que ilustra essa assertiva foi escrito por Anthony Knivet, um tripulante da frota de Thomas Cavendish que, abandonado pelo seu capitão, em 1591, no litoral paulista, relata seus infortúnios durante os dez anos de estadia no Brasil. Na sua *admirable adventures and strange fortunes*, Knivet alerta a certa altura:

O perigo de adentrar uma terra de devoradores de homens onde eu jamais tinha estado não era menor do que o valor que eu dava à minha vida. No entanto, pensei comigo mesmo que os portugueses certamente me matariam pelo crime que tinha cometido e assim, mais uma vez, decidi colocar-me antes nas mãos de piedade bárbara dos selvagens devoradores de homens do que da crueldade sanguinária dos portugueses cristãos.(KNIVET apud HUE,2006: 85)

Tamanho desprezo e aversão pelos portugueses podem ser compreendidos, em parte, pelo tratamento dispensado a Knivet por parte do governador Salvador Correia de

Sá. Logo após ser abandonado por Cavendish, o tripulante inglês foi capturado por portugueses e forçado a trabalhar na residência de Sá em diversas funções, entre elas, a captura de índios. O mau tratamento recebido e as frustradas tentativas de fuga perpassam todo o relato, como ilustra o trecho a seguir.

[...] todas as minhas roupas ficaram em farrapos de tanto trabalhar noite e dia em uma barçaça, transportando cana-de-açúcar e madeira para a moenda. Com a vida miserável que eu levava nem me importava mais com o que fazia. Eu não recebia alimento ou roupas, mas sim mais chibatadas que um escravo das galés. [...]

Depois disso o governador ordenou que prendessem grandes aglas de ferro pesando trinta libras nas minhas pernas, e tive que carregá-las pelos nove meses seguintes em que trabalhei sem parar no engenho de açúcar, como um escravo. O feitor me tratava mais como um cão do que como homem, pois tinha um ódio tão intenso de mim e de todos os estrangeiros que não houve uma só vez em que eu passasse perto dele e ele não me acertasse. (IBIDEM:81).

No decorrer do relato, Knivet contrasta a crueldade portuguesa – povo sempre associado a palavras como sanguinário e atroz – com a piedade que pode experimentar durante meses entre os puris e outras tribos indígenas, comumente descritas como guerreiras.

As críticas aos portugueses não param por aí. A própria governabilidade do território, ou melhor, a falta de informações e todos os empecilhos impostos a qualquer estrangeiro que ousasse obter algum dado sobre os territórios sob o domínio da Coroa portuguesa é uma das razões pelas quais, o capitão inglês Watkin Tench adverte em 1789 que o conhecimento que se tem do Brasil é incorreto e escasso, uma observação que é compartilhada por outros viajantes no decorrer dos séculos XVIII e XIX.

O Brasil é um território muito mal conhecido na Europa. Os portugueses, por razões políticas, não divulgam quase nenhuma informação sobre essa sua colônia. Daí, as descrições vinculadas nas publicações geográficas inglesas serem, estou certo, terrivelmente errôneas e imperfeitas. (TENCH apud FRANÇA,2008:257).

Dentre as várias notícias acerca da possessão portuguesa na América, nenhuma ganhou tanta atenção dos ingleses como a relativa à descoberta de reservas de ouro e diamante. Vejamos o caso do relato de Woode Rogers, publicado em 1712. Autor de *A cruising voyage around the world*, no capítulo dedicado ao Brasil, Rogers já anuncia nas páginas iniciais que “É quase impossível saber a verdade, mas não há dúvidas de que o ouro encontrado no país é abundante”. Anos depois, em 1748, George Anson

aponta a mudança do panorama econômico da então colônia portuguesa, que das *plantations* de açúcar passava gradativamente a viver da extração de ouro e diamantes.

Mas este país, que por muitos anos foi considerado apenas para a produção de suas plantations, descobriu recentemente que abundam aqui os dois minerais que mantêm a humanidade na maior estima, e que exercem a sua maior arte e indústria na aquisição de ouro e diamante. (ANSON apud FRANÇA, 2008: 75-79).

Apesar das expectativas de crescimento derivadas da descoberta das minas, Anson mostra-se cauteloso quando o assunto é a atividade comercial. Segundo ele, apesar da enorme necessidade de produtos europeus, a vigilância feita pela Coroa portuguesa quanto à entrada e ao comércio de produtos fabricados por outros povos europeus conduzia à uma situação absurda.

Essas críticas, já presentes nas narrativas do século XVI, se tornam cada vez mais constantes e incisivas nos séculos seguintes, a ponto do tenente Watkin Tench concluir que a má administração portuguesa era responsável pelo lento avanço da colônia. Dotada de boas condições naturais, mas conduzido por povos cruéis e preguiçosos, eis as duas principais facetas do Brasil apontadas pelos ingleses entre os séculos XVI e XVII. Já no século seguinte, as esparsas informações sobre a colônia portuguesa tendem a ser superadas graças ao crescente número de viagens de circunavegação realizadas no decorrer do século XVIII, entre as quais podemos citar as de James Cook, George Anson e Arthur Phillip.

Como salienta George Anson, tais viagens possibilitavam um alargamento do conhecimento científico do período com a observação e catalogação de espécies da fauna e da flora há muito descritas e que eram objeto de grande especulação. Apesar dos inúmeros perigos que rondavam essas viagens, o autor enfatiza:

A mais importante proposta de navegação, comércio e interesse nacional pode ser promovida através de cada narrativa autêntica da costa e de reinos estrangeiros que contribuirá para fins maiores na promoção da riqueza.[...]. Além do mais, uma viagem ao redor do mundo promete infundáveis informações para todos aqueles que desejam e se interessam nessas regiões [...].(IBIDEM:77).

No entanto, autores como James Cook não deixam de registrar que, apesar da nobreza do empreendimento, os viajantes e sábios europeus ainda deparavam com a desconfiança de autoridades coloniais que punham em dúvida as suas nobres intenções.

Contrariamente, Arthur Phillip destaca em 1787 uma relativa melhora nas relações entre os visitantes e as autoridades locais

Na narrativa do capitão Cook, escrita em 1768, lê-se que, quando esse navegador chegou a essa costa, o vice-rei mostrou-se muito desconfiado a seu respeito, impôs severas restrições ao desembarque de seus homens, mesmo dos sábios que acompanhavam a expedição, e chegou até a tomar algumas atitudes violentas. A recepção que nos fez o atual vice-rei e seus oficiais foi bem diferente: polida, lisonjeira e despida de qualquer desconfiança.(PHILLIP apud FRANÇA, 2008: 239).

Durante sua estadia na cidade do Rio de Janeiro, Cook, incomodado com o tratamento recebido pelos agentes portugueses, redige um parecer acerca da administração da justiça na América Portuguesa. Nas suas palavras,

O governo local é misto na forma, mas absoluto no exercício. Ele é composto pelo vice-rei, pelo governador da cidade e por um conselho cujo número de participantes não me foi possível saber. Nenhum ato judicial pode ser realizado sem o consentimento desse conselho, no qual o vice-rei tem voz preponderante. Contudo, tanto o vice-rei como o governador pode, segundo os seus caprichos, mandar um homem para a prisão e até para Lisboa. Casos houve em que nem os amigos nem a família do seqüestrado foram informados das razões da acusação e tampouco vieram a saber do paradeiro do acusado após a detenção.(COOK apud FRANÇA, 2008:179).

Uma das muitas dificuldades enfrentadas por esses viajantes era, pois, justamente em tentar convencer as autoridades do caráter honroso da sua viagem e da necessidade da estadia em terras brasileiras.

Boa parte da atenção desses viajantes e curiosos parece dirigir-se para a observação dos costumes dos habitantes locais. Nas passagens que nos legaram acerca dos hábitos das gentes do Brasil de então, algumas temáticas são predominantes, sendo repetidas no decorrer das narrativas como é o caso dos costumes religiosos, por exemplo. Em primeiro lugar, a presença marcante da religião, seja na construção de igrejas suntuosas, seja nos hábitos da população. Acompanhem os comentários sobre essa questão de três ingleses que, entre 1768 e 1787, passaram pela costa brasileira.

As igrejas e os conventos são numerosos e ricamente decorados. Quase todas as noites, um desses edifícios é iluminado em honra ao seu padroeiro. Esse espetáculo, quando visto do mar, causa uma excelente impressão; da primeira vez que o vimos, julgamos que era uma festa pública. Em quase todas as esquinas, há um pequeno nicho iluminado que abriga uma imagem da Virgem, diante da qual os passantes, frequentemente, param para rezar e cantar em alto e bom som. O zelo religioso, neste lugar, chega a causar algum espanto ao estrangeiro. A maioria dos habitantes parece não ter

outras ocupações além de fazer visitas e freqüentar igrejas. A qualquer hora do dia, é possível vê-los passear pelas ruas, sempre ricamente vestidos, em chapeau bas, e enfeitados com peruca e espadim. Até mesmo garotos de seis anos de idade ostentam esses indispensáveis acessórios. Quanto às mulheres, é muito difícil encontrá-las na rua, a não ser quando vão a caminho das igrejas. (TENCH apud FRANÇA, 2008: 258).

As igrejas são muito bonitas e as solenidades religiosas tem mais pompa do que aquelas realizadas nos países católicos da Europa. A cada dia, uma das paróquias da cidade promove uma procissão na qual diferentes estandartes, todos muito ricos e magníficos, são ostentados. Nessas ocasiões, em todas as esquinas há mendigos recitando suas preces com grande afetação. (COOK apud FRANÇA, 2008: 178).

O que nesse país mais chama a atenção de um estrangeiro, principalmente de um protestante, é a quantidade prodigiosa de imagens de santos espalhadas pela cidade e a devoção de que são alvo. Essas imagens estão colocadas em quase todas as ruas e os habitantes jamais passam por elas sem fazer uma respeitosa saudação. Durante a noite, os devotos reúnem-se em torno do seu santo de eleição, recitam preces e cantam, em bom som, hinos religiosos. Os costumes dos habitantes, no entanto, segundo se comenta, não faz jus a esse excesso de fervor. Mas, é preciso dizer, em todos os países, sob todos os climas, os atos exteriores de devoção superam os atos interiores, estes bem mais essenciais. (PHILLIP apud FRANÇA, 2008:241)

Um segundo aspecto que é reiterada vezes abordado diz respeito ao comportamento feminino, que está longe de ser lisonjeado. James Cook, por exemplo, relata em sua viagem de 1768 que

algumas pessoas chegam a afirmar que na cidade não há uma única mulher honesta. Essa condenação é seguramente muito generalizante. O dr. Solander, todavia, durante sua permanência na cidade, não foi capaz de elogiar a castidade dessas senhoras. Disse-me ele que, ao cair da noite, elas apareciam nas janelas, sós ou acompanhadas, e jogavam buquês de flores sobre os seus eleitos quando esses passavam pela rua. Ainda segundo o doutor, ele e mais dois ingleses que o acompanhavam receberam um número tal de distinções que, ao final de um curto passeio, os seus chapéus estavam cobertos de flores. (COOK apud FRANÇA, 2008:180).

Anos mais tarde, em 1787, Watkin Tench, tenente-capitão observa que

Para ser inteiramente justo com as damas de São Sebastião, vejo-me na obrigação de afirmar que, ao contrário do que contam o dr. Solander e um outro senhor do navio do Capitão Cook, nem eu nem nenhum dos membros da nossa tripulação chegou a ver sequer uma senhora atirar flores sobre os estrangeiros a título de declaração amorosa. Fomos infelizes ao ponto de, todas as tardes, caminharmos sob os balcões e janelas sem sermos honrados com nenhum buquê, embora houvesse igual abundância de ninfas e flores na cidade. (TENCH apud FRANÇA, 2008: 258).

Outro comentário que ganha fôlego está relacionado com as condições climáticas. Diferentemente das observações dos autores dos séculos anteriores, no

decorrer do século XVIII, os viajantes insistem que o clima estava longe de ser agradável, uma tendência que era reforçada especialmente no verão.

Por fim, a estadia, ainda que por poucos dias, nas principais cidades da colônia, como Salvador ou o Rio de Janeiro, rendeu alguns comentários e até mesmo gravuras que ilustravam a intensidade da presença e do uso da mão de obra negra em diversas atividades produtivas, desde os mais simples afazeres domésticos até a atuação maciça nas lavouras da cana de açúcar e nas minas. James Cook, por exemplo, calcula que a população escrava ultrapassava mais da metade do total da população da colônia, enquanto Wood Rogers observa a presença de mulatos em algumas atividades de vigilância das cidades e de negros no garimpo. Na obra *A Voyage to Cochinchina*, John Barrow relata a viagem feita entre os anos de 1792 e 1793 ao redor do mundo. Acerca da colônia portuguesa na América, os comentários do inglês destacam a superioridade numérica de escravos e o seu largo uso como mão de obra.

Estima-se que a população de escravos do Brasil, entre nativos da África e descendentes, ronde os 600 mil indivíduos; enquanto a de brancos, dizem, não ultrapassa os 200 mil. No Rio de Janeiro, essa desproporção é bem maior do que no restante do país, pois a cidade não conta com mais de 3 mil brancos, sendo que o número de negros atinge facilmente a casa dos 40 mil. [...].(BARROW apud FRANÇA, 2008: 278).

Em linhas gerais, a atuação de escravos nos mais diversos afazeres rende breves comentários que incidem, como apontamos, especialmente para sua superioridade numérica e a extensão de sua presença, seja nas províncias do norte, seja nas do sul do Brasil. Barrow, que publica sua obra em 1806, mais do que apresentar breves descrições e estatísticas relacionadas ao tema, se detém na compreensão das condições de sobrevivência e nos hábitos dessa parcela da população, considerados “não tão piores como muitos poderiam pensar”, com observações que ultrapassam a simples menção. Parte da compreensão desse novo traço da escrita inglesa acerca do Brasil pode ser compreendido pelo gradativo incômodo que o tráfico negreiro passará a causar no alvorecer do século XIX nas relações diplomáticas entre o reino inglês e o restante do mundo.

Nessas primeiras impressões sobre o Brasil e suas gentes, os autores ingleses, em diferentes circunstâncias, elaboraram visões e pareceres que serão lentamente

reforçados nos anos seguintes, sobretudo no século XIX, quando a transmigração da Corte Portuguesa e a série de medidas desencadeadas por ela permitiram e estimularam a vinda de estrangeiros para o país, estrangeiros que agora podiam, sem restrições adentrar e explorar o território. Reclamações como as de James Cook ou de Watkin Antkin acerca da dos empecilhos impostos aos estrangeiros ou, então, sobre a ausência de um conhecimento exato do país e de suas riquezas naturais cedem lugar para o crescente aparecimento de novas publicações, responsáveis pela catalogação dos mais variados aspectos da colônia portuguesa. No campo da escrita da história, a apreciação realizada ao longo dos séculos pelos viajantes foi incorporada nas “histórias do Brasil” elaboradas entre 1809 a 1821. Mais do que breves observações, os viajantes legaram para os séculos seguintes toda uma forma de compreender o Brasil e sua história.

Referências Bibliográficas

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro Colonial*, 3ª. Ed, Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

_____. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*. Franca: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais–UNESP, Tese de Livre Docência, 2009.

HUE, Sheila Moura. Ingleses no Brasil: relatos de viagem (1526-1608). *Anais da Biblioteca Nacional*, n.146, 2006

WARTER, John Wood. *Sellections from the letters of Robert Southey*. Londres: Longman, 1856, v.3.